

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 22 de junho de 2011**

*Texto de referência: “Se alguém está em Cristo, é uma criatura nova”,
suplemento de Passos de junho, 2011, págs. 27-45.*

- *Vento*
- *Il viaggio*

Glória

Carrón: Esta é nossa última Escola de Comunidade antes das férias de verão [europeu]. Vamos começar.

Colocação: *Fiquei realmente tocada com a última Escola de Comunidade que fizemos juntos. Em particular, por aquilo que você disse: o que mostra que o racionalismo age em nós é que damos a experiência por óbvia (por isso, para nós, a falta não indica uma presença, a solidão não indica uma companhia e, assim, não conseguimos deixar de sentir o Mistério como algo sobreposto). Relendo, nestas duas semanas, a segunda palestra que você fez nos Exercícios da Fraternidade, ficou mais evidente pra mim quais são as duas grandes descobertas que o caminho que fizemos juntos este ano me proporcionou. A primeira descoberta que fiz foi que Cristo presente, não o Cristo dos meus pensamentos, mas Cristo ressuscitado, não tem medo da minha humanidade, assim como ela é. Ao contrário, sem Ele, não só fico agarrada às minhas imagens, como estou distante de mim. Então, percebi que deixei de ter vergonha de mim – depois de cinquenta anos. Não preciso mais fingir ser aquilo que não sou e, para mim, esta é uma experiência de libertação que sem isso seria “impossível”. A segunda coisa que me tocou este ano foi o fato de que buscamos uma companhia para não sentirmos o Mistério, porém, existe uma companhia, aquela à qual você nos convida, que sustenta esse drama com o Mistério, que o aprofunda. A primeira companhia começa sempre fora de mim, a segunda companhia começa em mim, e também por isso, é uma libertação.*

Carrón: Acho que é decisivo entender bem aquilo que você está dizendo sobre a última Escola, porque é realmente um desafio que Dom Giussani lança a cada um de nós. Falo de maneira muito sintética: para nós a tristeza, a solidão, a saudade, o pedido são a prova evidente de que o Tu não existe. Mas, para Dom Giussani, é exatamente o contrário: é o sinal mais evidente de que o Tu existe. É decisivo que cada um de nós olhe isso de frente. Nós pensamos que o Mistério não existe por causa do racionalismo, de um uso reduzido da razão, por causa do qual nós não nos damos conta de todos os fatores que estão implicados na própria experiência.

E o que isso causa? Se nós não nos damos conta de que Ele está presente na própria experiência – na tristeza como desejo de um bem ausente, na solidão como o momento em que a pessoa pode dar-se conta de que para explicar por que se sente profundamente só deve reconhecer a companhia original que a constitui agora –, sem envolver um Outro, nos sentimos sós. Quero que entendamos bem isso, porque senão deturpamos a salvação cristã. O que – segundo a nossa perspectiva reduzida – Cristo deveria fazer? Resolver as questões e, para nós, resolver as questões quer dizer eliminar o drama da vida. Se depois de ter encontrado Cristo continuamos tristes ou sentindo saudade, isso demonstra que Ele não existe. Mas, olhem que isso é o contrário daquilo que dissemos no dia 26 de janeiro! Cristo não veio para eliminar o humano, o senso religioso: veio para despertá-lo de uma forma magnífica, veio torná-lo mais dramático! Por que pode torná-lo mais dramático? Para que eu possa reconhecê-Lo, para que eu possa gozar da Sua presença. Porém, quantas vezes vocês ouviram dizer que Cristo nos promete uma coisa que depois não cumpre? Temos uma imagem de como deve cumprir a promessa, que é eliminar o drama, eliminar o humano. E por que nós fazemos isso? Porque sempre achamos que a modalidade verdadeira do humano seria a superação da desproporção estrutural. Mas a desproporção “é” o homem! É como se tivéssemos uma objeção à totalidade de como o Mistério fez as coisas (“Seria menos dramático se não tivéssemos essa desproporção, se não

sentíssemos toda a dramaticidade que essa desproporção implica, e se alguém nos poupasse dela”). Por isso, concebemos a desproporção como uma etapa a ser superada. Toda a nossa expectativa é a de que em algum momento da vida nós possamos superar essa desproporção. Mas essa concepção torna o cristianismo uma enganação: porque Cristo não veio para eliminar o senso religioso, mas, ao contrário, veio para despertá-lo! A salvação não é eliminar o senso religioso, mas despertá-lo, para que possamos realmente gozá-lo como homens. E por que cometemos esse erro em relação ao cristianismo? Porque primeiro fizemos isso no relacionamento conosco mesmos. Se para nós, o homem, assim como é descrito no quinto capítulo de *O Senso Religioso* (solidão, saudade, tristeza), não documenta que o Mistério existe, o que mais pode se tornar a presença de Cristo? Às vezes, devemos nos perguntar: o que é o homem, o que é a plenitude do homem? Cristo nos comove até a medula, e isso não faz desaparecer a desproporção estrutural, mas a desperta inteira. Porém, muitas vezes, temos a objeção descrita nessa carta: “Tenho uma pergunta que não me deixa desde a última Escola de Comunidade. Explicando a carta que foi retomada no início, você nos esclareceu perfeitamente que a prova evidente de que o Tu existe é exatamente a experiência da saudade, da falta a qual talvez não reconhecemos [para essa pessoa foi perfeitamente clara]. Mas, para mim, isso não resolve o problema. Porque a saudade que vivo implica que o Tu existe, mas não que esteja presente. Como quando tenho saudade de alguém que amo e está longe: com certeza existe, mas eu gostaria que estivesse aqui, não apenas ter certeza de que existe. Na carta citada, é exatamente isso que me comove e me enche de inveja: que para ela, o Tu está ali, como um amor presente. Queria que o caminho de certeza que reconheço que estamos fazendo se tornasse uma experiência de companhia real, realmente um Tu que está aqui comigo, que eu possa abraçar”. Que o Tu exista, mas que não esteja presente: essa é uma distinção que indica até que ponto chega o nosso racionalismo! Se Deus não estivesse presente agora, dando-me a vida, eu não existiria. Ele está presente no sinal: o meu eu documenta que existe e que está presente. Tanto é presente, que eu estou aqui, agora. Comparemo-nos com o exemplo das flores dadas de presente: elas documentam que existe um outro (aquele que as deu), mesmo que não esteja presente, porque a presença do outro está fora das flores, por isso as flores podem estar ali sem que esteja presente a pessoa que as enviou. O que vale para as flores vale também para nós? Isto é: eu posso existir sem que o Tu que me faz agora esteja presente?! Cada um de vocês pode estar presente, pode existir agora sem um Tu que lhes dê o ser agora?! Se isso não fica claro, depois temos dificuldade para entender aquilo que diz o Cartaz de Páscoa; porque a concepção que me parece que alguns de nós têm de Deus é de alguém que coloca em funcionamento o motor do mundo e depois sai de férias, até que volte. E também é assim para o cristianismo: Cristo veio, sorte daqueles que O experimentaram “ao vivo”; nós não estamos entre estes e apenas podemos nos limitar a colocar em prática os ensinamentos na Sua ausência, até que Ele volte para nos dizer se fomos bons ou não... Mas, olhem o que Dom Giussani diz no Cartaz: “O acontecimento não identifica somente alguma coisa que aconteceu e com a qual tudo teve início, mas aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente”. Está presente? Em que eu vejo isso? Naquilo que Ele torna possível. Não é que Cristo ressuscitou, mas não está presente. O acontecimento não é uma categoria que fala apenas do início, mas define, dá conteúdo, torna possível o presente. Que consciência tinha e tem Dom Giussani daquilo que está acontecendo agora! E por isso diz, depois: “Cristo é algo que está me acontecendo”. Diante de uma frase assim, como podemos dizer que existe, mas que não está presente? Não é possível, não é possível! De fato, depois, pensamos que a única modalidade com a qual Ele está presente é aquela que temos na nossa imaginação. Para os discípulos de Emaús, Cristo era algo que estava acontecendo a eles naquele exato momento: “Seus corações não ardiam enquanto lhes falava pelo caminho?": não O conheciam fora da experiência presente. De fato, ouçam o que me escreve uma outra pessoa: “Sinto saudade de certas pessoas – quando não as vejo – porque são uma presença forte na minha vida. Elas estão presentes e, por isso, sinto saudade”. Giussani diz: “Não é possível adorar uma presença – Deus! – sem que se sofra por uma ausência que você quer preencher, deseja isso ardentemente [nos desperta de maneira tão potente que a pessoa deseja mais]. [Por isso] o meu limite não me assusta [como dizíamos antes], ele é a demonstração mais fantástica da existência de Deus, que se evidencia no negativo, como a falta que

sinto”. Esta manhã, um amigo me contou que, numa conversa com sua mulher, eles se perguntavam: o que quer dizer “te amo”? E a mulher lhe disse: “Te amo porque te espero; eu percebo que te amo porque te espero”. Vocês podem imaginar que alguém possa esperar que exista um outro? “Te espero” é a documentação evidente de que existe. Por isso, amar se identifica com “te espero”; quanto mais amo você, mais está presente, tanto mais espero você. Mas isto, para nós, – como escreve outra pessoa – é como se fosse um percurso apenas intelectual: “Para mim, escutar a sua exposição – desculpe a inadequação do termo – foi seguir como que um percurso racional: a evidência de que não me faço por mim, a saudade, a tristeza e a solidão que implicam um Tu, o desejo de um bem ausente e a companhia original. Ficou clara a distância entre a sua experiência e a minha, como se aquelas palavras, para mim, não possuíssem carne nem sangue”. Essa é a questão. Para nós, o Tu é desprovido de carne e de sangue. E como as palavras podem se encher de carne e de sangue? Essa é a grande contribuição do método que Dom Giussani nos oferece continuamente. Uma jovem universitária dizia que a vida começou a mudar para ela quando começou a se lançar na vida, nas coisas, com a hipótese de Cristo, isto é, com a hipótese daquilo que se revelou no encontro com Cristo. E deu-se conta de que, pouco a pouco, lançando-se assim na vida, aquela hipótese, a um certo momento, não era mais apenas uma hipótese, mas uma certeza. Se as palavras são idênticas, por que para alguns são carne e sangue enquanto para outros permanecem apenas palavras? Porque aquilo que enche as palavras de carne e de sangue é a experiência. Se você não está disponível a fazer este caminho, poderá continuar dizendo que são palavras. E quem poderá lhe convencer do contrário? Só se a pessoa faz a verificação na experiência, começará a ver que se tornam carne e sangue, porque as coisas vividas na experiência não podem mais ser apenas palavras. E, então, isso se torna certeza, que é o que muitas vezes nos falta, como me escreve um outro: “É como se desse essas coisas por óbvias, tentei entender o porquê e não consigo mais ficar satisfeito com aquilo que recebi. E formulei uma hipótese: a razão é que não sou pobre, não tenho mais os olhos de um menino, sentei-me no caminho que devo percorrer. Mas, por que isso? Porque não consigo mais reconhecê-Lo. É como se O tivesse reconhecido no passado, reconheço que Ele existiu, mas agora não consigo vê-Lo em tudo aquilo que faço. Conseqüentemente, me agarro às pessoas, minha namorada em primeiro lugar, e não tenho o coração livre, aberto. Retomei o capítulo sobre a pobreza e encontrei uma possibilidade de resposta: ‘Se Cristo lhe dá a certeza de realizar aquilo que faz você desejar, então, você está livre das coisas’, mas na maior parte das vezes é difícil, para mim, ter essa certeza. O capítulo continua com essa frase: ‘É preciso que nos tornemos mais pobres, ou seja, certos de algumas grandes coisas’. Desejo ter sempre certeza dessa presença porque tenho certeza do nome que carrego”. O Cartaz de Páscoa também diz isso: “Fora deste ‘agora’ não existe nada!”. Por isso, ou nós o percebemos no presente, no agora, ou não há nada a fazer. Mas, para percebê-lo no agora é preciso essa simplicidade da criança, de não dar tudo por óbvio. Paradoxalmente, é essa simplicidade da criança que nos torna certos. O exemplo mais evidente que podemos imaginar é aquele do cego de nascença (mais pobre que isso, morremos!), que tinha apenas essa certeza: antes não via, depois vê. Essa pobreza, esse ser como criança diante daquilo que acontece, o torna certo, enquanto todos os outros estão ali manipulando os dados, procurando eliminar a evidência: antes não via e depois vê. Não é complicado. O cego de nascença demonstra que reconhecê-Lo presente não é complicado: a simplicidade de uma criança não dá por óbvio que antes não os via e agora os vê. O percurso a ser feito é este, amigos, porque uma hipótese se torna certeza apenas se nós, continuamente, a verificarmos na experiência.

Carrón: Como você verificou isso?

Colocação: *Na semana passada fui a um mercado fazer a panfletagem de Prontos a dar razões da esperança que há em nós. Enquanto distribuía os folhetos, ardia em mim uma pergunta: o que é realmente capaz de me mudar, isto é, de me tirar do ceticismo em que muito frequentemente estou imersa e do cansaço em que me encontro? O que é realmente capaz de mover a raiz do meu eu? Num determinado momento, cheguei a uma banca onde um homem vendia ovos, e ele me perguntou o que eu estava fazendo. Dei um panfleto a ele e fiz esta pergunta sincera: “Existe algo capaz de mudar o senhor? De vencer o ceticismo, o cansaço, o tédio? Quer dizer, algo que sustente seus*

desejos e responda aos desejos verdadeiros que o senhor tem?”. Depois de conversarmos um pouco, ele foi ficando cada vez mais interessado e provocado e me disse: “Para mim, a resposta a essa pergunta são os Evangelhos e os mandamentos”. E eu respondi: “Mas, o que o leva a seguir as normas? Isso é suficiente? Que conveniência traz à sua vida, ao seu dia? Isso responde às suas necessidades mais profundas? Ao desejo de que os dias sejam intensos e de que sua vida não seja medíocre? Sustenta seus desejos mais verdadeiros, mais profundos?”. E ele ficava cada vez mais provocado e tocado por aquelas perguntas e me dizia, de fato, que a conveniência era nenhuma e que seus dias carregavam um certo cansaço. E, diante disso, eu me sentia cada vez mais movida e continuava perguntando: “O senhor deseja ser feliz? Deseja que seu cotidiano possa ser intenso e não apenas um seguir em frente? É possível se contentar em não viver plenamente?”. E aquele homem, diante dessas perguntas, não queria recuar. Queria tudo aquilo, mas se dava conta de que as respostas que dava eram meias respostas que não eram suficientes e não convenciam nem a ele, enquanto aquelas perguntas eram radicais porque tocavam em algo decisivo. E mais, diante de todas as suas críticas sobre os escândalos da Igreja e sobre a sociedade, senti-me livre para perguntar: “O senhor não gostaria de ser abraçado assim como é, com todo o seu limite, inclusive o seu pecado? O senhor não deseja ser amado e amar sempre com um amor infinito? Há ou não algo na realidade que não trai?”. Ele me respondeu: “Você está me colocando contra a parede, está me deixando confuso”. Depois, me disse: “Então, me diga como é para você”. E, assim, eu, muito sinteticamente – porque a maior parte do tempo fiquei fazendo perguntas – lhe contei que aquilo que me muda é o acontecimento de Cristo, que para mim o cristianismo é carne, não regras que até são justas de serem seguidas, e eu o vivo na carne do Movimento. Depois, lhe falei do meu namorado, dos amigos, dos relacionamentos que mudam, de uma companhia nova e da possibilidade de olhar toda a minha necessidade, e lhe dei o exemplar de maio de Passos dizendo-lhe que para mim é o testemunho, a documentação de que o Mistério acontece continuamente no mundo, que entra nos dias e transforma o cotidiano mas que, sobretudo, lhe dava o livrinho dos Exercícios pelo valor que tem tido para mim neste período no olhar e descobrir tudo o que sou, a raiz do meu ser. E ele respondeu: “Vocês são daqui, se encontram?” e, então, falei sobre a Escola de Comunidade. Ele ainda me disse: “Agora que eu lhe falei das minhas questões, eu agradeço se vocês me ajudarem”. E, diante daquele homem, eu realmente percebi que, sem todas aquelas perguntas, minha humanidade é reduzida – a minha e a daquele homem –, e que tenho urgência de poder olhar tudo aquilo que sou, que sou feita para viver a altura da minha necessidade e eu não podia me esquivar de todas aquelas perguntas, e não dei por óbvia nenhuma delas, embora aquele vendedor não conseguisse dar-se respostas satisfatórias. Ali, eu me senti livre para fazê-las e ir cada vez mais ao fundo das nossas necessidades mais radicais, por ter certeza de que a resposta para tudo isso existe e, mais, vi-me totalmente grata por existir e por ser assim, com algo irreduzível, e não com algo que não funciona, que precisa ser curado, no fundo: Cristo existe porque responde inteiramente à minha necessidade.

Carrón: Alguém que pergunta assim: existe ou não existe? O que a muda é o acontecimento de Cristo. Senão, conseguiria atormentar assim a outra pessoa? Que a pessoa reconheça todas essas perguntas, que seja capaz de estar diante das perguntas é sinal de que existe ou de que não existe?

Colocação: *Depois de um período em que aconteceram fatos excepcionais na universidade (eleições estudantis, campanha eleitoral, peregrinação a Roma), algo não me convencia, era como se me dissesse: tudo bem, agora acabaram os fogos de artifício, é preciso pensar um pouco naquilo que lhe espera. Mas, conforme os dias passavam, mais essa coisa me incomodava: eu quero e desejo uma vida unida. Depois saiu o panfleto citado na última colocação, e me tocou muito a reação de uma amiga: “Desde que você me pediu para levar a sério a hipótese de participar da campanha eleitoral eu me empenhei. Mas, ir aos mercados dizer Cristo, isso é demais”. E isso me impressionou, porque ela simplesmente levantou a questão que estou entendendo que é cada vez mais radical para mim: este panfleto me salvou de continuar enganado, que nem mesmo os milagres me bastam. A única coisa que pode me bastar é aquilo que diz um panfleto: “A força que faz a história é um homem que fez sua morada entre nós, Cristo”. Eu preciso dessa radicalidade e,*

de fato, agora estou entendendo muito mais o que queria dizer o Cartaz de Páscoa, porque ou tudo aquilo que eu vi, mesmo de grande e excepcional, me é dado novamente agora, ou escorre pelas minhas mãos e no fim continuo escravo de mim mesmo e do poder. Outra coisa também me ajudou a entender mais. Minha namorada é enfermeira, e me contou que chegaram ao hospital dois menores feridos que, depois de terem roubado um carro, acabaram matando outras pessoas, em suma, uma situação dramática. Ela me contou que muitos no hospital estavam escandalizados com o acontecido, e não queriam lhes dar analgésicos: “Eles fizeram mal e precisam sofrer”. A coisa que mais me tocou não foi tanto o escândalo deles, mas que ela, sem tentar convencê-los ou dizendo “Tudo bem, Jesus existe”, começou a cuidar deles, desafiando os colegas: “O fato de serem tratados de uma certa maneira pode fazer com que esses jovens, que muito provavelmente não têm nem ideia do que seja o bem ou o mal, possam ver um mínimo de diferença na vida, um mínimo de bem na vida”. Por que me tocou? Porque não era ninguém, era ela! Eu entendo que preciso dessa presença agora, para que o dia que estiver sozinho não precise sempre procurar muletas (o amigo ou todas as frases de CL). Sou eu que, mesmo no silêncio do estudo, sozinho, posso fazer experiência de Cristo que incide na história.

Carrón: Estão vendo? Fatos excepcionais e milagres: mas sem o reconhecimento da Sua presença, depois que termina toda essa frenética atividade, tudo decai. E ele nos diz que precisa que lhe seja dado novamente agora. E qual é a modalidade com a qual Ele permanece hoje, no nosso meio? Gerando pessoas capazes de estar na realidade, mesmo contra tudo e contra todos, testemunhando Cristo – como a sua namorada – na maneira de tratar a realidade. Estes menores fizeram uma coisa absolutamente errada e acertarão as contas com o Senhor. Mas isso não tira dela a tarefa de responder à necessidade que têm. Não se envergonhar de Cristo quer dizer olhar para as circunstâncias como Ele olhou, e isso desafia todos. E é preciso que isso esteja acontecendo agora nela, porque senão, prefere fazer como todos, se adequar. Que grande desafio!

Colocação: Oi.

Carrón: Seja breve, ok?

Colocação: *Estou aqui para comunicar um coisa estranha que está acontecendo comigo. Na minha vida cotidiana, posso afirmar com segurança que, nesse ponto do caminho, sou capaz de trair, esquecer ou me desviar mil vezes, mas nunca, nunca voltar para trás. E vou tentar explicar por quê. Acho que me tornei capaz de conquistar e perceber, com a voracidade de uma piranha, tudo aquilo que Giussani e você explicam sobre o senso religioso. Aquela pergunta que o homem sempre carregou dentro de si, eu a tenho desde que nasci, mas ninguém tinha me ensinado a entendê-la, nem a olhá-la. Eu sempre sufoquei, neguei, depreciéi com todo o apoio do mundo ao meu redor. Porém, ela existia. Sempre existiu exatamente porque não fui eu quem a deu a mim, e estava ali, fechada no meu coração. Comecei a explodir e a não me conter mais diante dos fatos decisivos que pediam uma escolha radical: viver ou morrer. Se você escolhe viver, é preciso ir até o fundo de cada coisa, de cada detalhe, e ali, você se encontra, e ali há toda a potência e a misericórdia do mistério – uma graça infinita – que começam a falar com você, a mostrar-se a você, a responder a tudo aquilo que você é. Então, qual é a minha dúvida em relação ao que eu disse? Que foi dito, e talvez eu esteja errada...*

Carrón: Não se preocupe com isso.

Colocação: *Eu também traio mil vezes, erro mil vezes, e também sinto toda a consistência da diferença de potencial que existe na Escola de Comunidade, toda minha desproporção, mas essa vida redescoberta, cheia de pergunta e de resposta, de mendicância e de dom, constitui continuamente uma provocação na provocação, que se transforma em contínua adesão e solicitação a vivê-Lo onde Ele está, que é, inexplicavelmente, no meu coração. Se não respondo, essa vida se perde e algo dentro bate forte. Parece que entendo que é aquela consciência com a sua vozinha, da qual meus pais me falavam quando eu era pequena. Este senti-Lo perto é tão bonito, mas tão bonito, que a sensação é a de ter uma dinamite no coração, um puro gosto de viver, um cêntuplo elevado ao cubo, uma graça infinita. Por exemplo, enquanto eu estava na fila em um departamento público, quando fui procurar uma caneta na bolsa, todo o conteúdo dela caiu no*

chão. Um desconhecido que estava atrás de mim me ajudou a pegar tudo e entre as coisas estava o livrinho dos Exercícios. Enquanto eu pedia desculpas e agradecia, devo tê-lo olhado de modo particular e disse: “Obrigada, oh meu Deus, esse livrinho é insubstituível, é a minha vida. Sabe, mudei do livrinho de Mao para o de Carrón”.

Carrón: Um salto muito grande...

Colocação: *Pode parecer engraçado, mas é isso mesmo. Nessas palavras estava toda a minha vida, realmente toda. O desconhecido olhou para mim um pouco desorientado e disse: “Quando terminar no guichê, pode me dizer quem é esse Carrón?”. Comecei a “abrir o arquivo”, contando sem parar sobre a minha vida aturdida mudada, colorida, iluminada. Meu coração tornou-se grato por tudo, até pela pobreza que, antes, me apavorava muito; grata pelo meu casamento, pelos meus filhos. Tudo é ponto de partida. Agora, sinto-me um pouco como um matador, como você disse da última vez. Em suma, eu percebo toda essa tristeza quando Ele não está presente, porém também percebo toda essa dinamite no coração. Só queria saber se estou no caminho certo.*

Carrón: O que você diz, é o caminho certo ou não?

Colocação: *Para mim, sim, absolutamente.*

Carrón: Por quê?

Colocação: *Por que é uma resposta a tudo, tudo o que chega até mim.*

Carrón: Se você diz que está mais contente do que nunca, você tem a confirmação da sua pergunta na sua experiência?

Colocação: *Sim.*

Carrón: Basta. Nenhum comentário que eu acrescento dá mais confirmação do que a experiência que você faz. Todos nós tivemos a graça que ela teve, cada um com o seu drama, o problema não é a circunstância que a pessoa atravessa, mas se o que domina é aquilo que aconteceu, porque isso é o que nos torna mais contentes e livres do que nunca, qualquer que seja a circunstância. Mas ela falou de uma condição: “Se não respondo, essa vida se acaba”. Cristo ligou a participação nessa novidade ao seguir, isto é, ao responder, que não é não sei que energia, mas é um abandonar-se, nos disse. Por isso, está ao alcance de todos, inclusive nas férias de verão que estão começando, quando poderemos retomar com calma tudo aquilo que começamos a trabalhar. O texto dos Exercícios será uma convivência que nos faz companhia, para que aquelas palavras se tornem familiares, se tornem o olhar normal da vida. É útil reler os textos de Dom Giussani dos capítulos cinco e oito de *O Senso Religioso*, para poder realmente gozar mais de toda a riqueza, de todos os detalhes que muitas vezes perdemos. Como temos alguns meses pela frente, se os lêssemos apenas alguns minutos por dia, poderia nos fazer cada vez mais companhia.

AVISOS:

Depois do Dia de Início de Ano, voltaremos aos encontros da Escola de Comunidade em rede.

Férias. Todos sabemos a estima particular que Dom Giussani tem pelo tempo livre, porque no tempo livre, quando não somos obrigados por certas obrigações às quais devemos responder, podemos usar o tempo como queremos. Por isso, o tempo livre é onde a pessoa vê, descobre o que tem de mais caro, o que quer realmente, a quem dá o espaço e o tempo, além de pensar em descansar, obviamente. Mas, vejamos também a concepção que temos do descanso, porque podemos pensar que descansar quer dizer interromper a familiaridade da qual acabei de falar, porque isso faria parte do empenho. Mas isso mostra o nosso racionalismo, como se pudéssemos realmente descansar sem que “descanse” a totalidade do eu, sem essa unidade da qual falávamos antes. Por isso, as férias são uma possibilidade para cada um de nós exprimir o seu relacionamento com o Mistério, o nosso relacionamento com toda a realidade, que pode ser repleta do Mistério. O silêncio ou a oração, a Escola de Comunidade, a convivência, a amizade, o Meeting são para ajudar essa posição pessoal.

Bom verão a todos. Rezemos.

Veni Sancte Spiritus